

# **Entre a apatia e a desconfiança: apropriações da inteligência artificial generativa por jovens estudantes**

*Between apathy and distrust: appropriations of generative artificial intelligence by young students*

*Entre la apatía y la desconfianza: apropiaciones de la inteligencia artificial generativa por jóvenes estudiantes*

—

**Guilherme BARBACOVÍ LIBARDI**

gblibaldi@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos

Brasil

**Flávia CESARINO COSTA**

cesarino@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos

Brasil

**Suzana RECK MIRANDA**

gsuzana@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos

Brasil

*Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*

*N.º 156, agosto-noviembre 2024 (Sección Monográfico, pp. 121-138)*

*ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X*

*Ecuador: CIESPAL*

*Recibido: 27-06-2024 / Aprobado: 12-08-2024*

### **Resumo**

Inspirados pelo paradigma dos Estudos Culturais Latino-Americanos, abordamos o tema da inteligência artificial a partir de uma orientação sociocultural, ou seja, endereçando as táticas de apropriação desta tecnologia pelos sujeitos, a partir de um estudo empírico. O objetivo é analisar a inserção da inteligência artificial generativa no cotidiano de jovens estudantes do curso de Bacharelado em Imagem e Som do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos.

**Palavras-chave,** tecnologia; inteligência artificial generativa; estudos culturais latino-americanos; usos e apropriações

### **Abstract**

Inspired by the paradigm of Latin American Cultural Studies, we approach the topic of artificial intelligence from a sociocultural orientation, that is, addressing the tactics of appropriation of this technology by subjects, based on an empirical study. The objective is to analyze the insertion of generative artificial intelligence in the daily lives of young students on the Bachelor's degree in Image and Sound at the Department of Arts and Communication at the Federal University of São Carlos.

Keywords: technology; generative artificial intelligence; latin american cultural studies; uses and appropriations

### **Resumen**

Inspirados en el paradigma de los Estudios Culturales Latinoamericanos, abordamos el tema de la inteligencia artificial a partir de una orientación sociocultural, o seja, enderezando como tácticas de apropiación de esta tecnología pelos sujetos, a partir de un estudio empírico. El objetivo es analizar la presencia de inteligencia artificial generativa en el cotidiano de jóvenes alumnos del curso de Bacharelado em Imagem e Som do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos.

**Palbras clave:** Tecnología; Inteligencia artificial generativa; Estudios culturales latinoamericanos; Usos y apropiaciones

## Introdução

A história das Teorias da Comunicação nos mostra que a aparição de novas tecnologias sempre veio acompanhada de dúvidas e anseios sobre os seus impactos na sociedade, sejam eles econômicos, políticos, sociais ou culturais. Da invenção da imprensa no século XIV, à popularização do computador doméstico no final do século XX, passando pelo cinema, rádio e televisão, diferentes escolas e correntes adotaram variadas posturas frente ao fenômeno da inserção das tecnologias de comunicação no cotidiano das pessoas comuns (Mattelart & Mattelart, 1997). Com a recente popularização da inteligência artificial, que tem o lançamento do *ChatGPT* para o grande público no final de 2022 como marco, os questionamentos sobre os “efeitos” da tecnologia persistem e se aprofundam.

O *Chat GPT* é uma ferramenta capaz de reproduzir, com alta precisão, respostas e comentários a indagações realizadas por um ser humano, imitando uma conversação com evidente naturalidade<sup>1</sup>. Foi desenvolvido pela *OpenAI*, empresa estadunidense fundada por Elon Musk e Sam Altman (OpenAi, n.d.), definindo-se como “uma empresa de pesquisa e implantação de IA”, e alegando que a missão é “garantir que a inteligência artificial geral beneficie toda a humanidade”. A sua versão generativa possibilita a produção de novos conteúdos por meio do aprendizado de máquina<sup>2</sup>, o que significa, resumidamente, que a máquina aprende de forma “autônoma” ao passo em que é utilizada pelas pessoas. Quanto mais “aprende”, mais sofisticadas vão se tornando suas interações com o humano do outro lado da tela. Atualmente, para além de textos escritos, existem *sites* de IA generativa para a criação de imagens, vídeos, sons, etc. Tudo isto a partir de comandos<sup>3</sup> direcionados por seres humanos, solicitando o que desejam que a máquina crie.

Neste texto, inspirados pelo paradigma dos Estudos Culturais Latino-Americanos, abordamos o tema da inteligência artificial a partir de uma orientação sociocultural, ou seja, endereçando as táticas de apropriação desta tecnologia pelos sujeitos (Reguillo, 2005), a partir de um estudo empírico. Mais especificamente, temos como objetivo analisar a inserção da inteligência artificial generativa<sup>4</sup> (IAG) no cotidiano de jovens estudantes do curso de Bacharelado em Imagem e Som do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Na seção metodológica, fornecemos detalhes sobre a composição da amostra e estratégia de coleta e análise dos dados. Apesar deste enfoque, procuramos não deixar de lado a

---

1 Por meio da tecnologia denominada Processamento de Linguagem Natural (PLN), utilizada pelo *marketing*, com apoio da ciência da computação, no desenvolvimento *chatbots*.

2 *Machine learning*.

3 *Prompts*.

4 Diferentemente da IA funcional, que “lê” nossos rastros digitais para nos direcionar anúncios, por exemplo, a IA generativa possibilita a produção de novos conteúdos por meio do aprendizado de máquina utilizando o Processamento de Linguagem Natural (PLN).

discussão sobre a força estruturante desta nova tecnologia para as práticas cotidianas.

Portanto, para fins de contexto, embora o estudo trate de um recorte de público específico: jovens estudantes da cidade de São Carlos<sup>5</sup>/SP – Brasil, vale a pena endereçarmos alguns dados de pesquisas recentes que abordam a relação da América Latina com a internet e, especificamente, a inteligência artificial. Em âmbito regional, é difícil estimar características que sejam homogêneas a todos os países da região, dadas as diferenças entre as nações que compõem o território. É o que atesta o Índice *Latinoamericano de inteligencia artificial*, estudo desenvolvido pelo Centro Nacional de Inteligência Artificial (CENIA)<sup>6</sup>. Apesar desta dificuldade e das especificidades de cada país, os pesquisadores identificam que a penetração da internet e o uso de dispositivos estão acima da média de 70% na região, mostrando um avanço na digitalização da população. Apesar disso, atualmente, a América Latina não possui capacidade técnica de desenvolver e gerenciar modelos de inteligência artificial próprios, ficando limitada às ferramentas oriundas de outros países, sobretudo as do Norte Global. A partir de uma série de variáveis, o estudo criou o índice IA, um *ranking* de países em que a inteligência artificial está mais consolidada. Em último lugar, está a Bolívia; o Chile ocupa a primeira posição; e o Brasil, a segunda. Segundo o relatório *Trust in Artificial Intelligence – A global study* (Gillespie, N. et al., 2023), o Brasil, junto com Índia, China e África do Sul, figura entre as nações que mais confiam na IA: 56% da amostra<sup>7</sup> pesquisada atesta um alto grau de confiança. De acordo com o estudo, a população brasileira é propensa a se sentir otimista em relação às potencialidades da IA, enquanto em países como Austrália, Canadá e França, o que prevalece é o sentimento de temor e desconfiança. Apesar de uma postura positiva em relação à emergência da IA, o relatório também aponta que os respondentes brasileiros expressam preocupações relacionadas à privacidade e à perda de empregos devido à automação.

Em resumo, estes dados ilustram um contexto no qual a IA está sendo rapidamente absorvida pela população latino-americana, e em especial a brasileira. Neste cenário, o problema que se impõe, além dos riscos de manipulação, são os riscos da dependência tecnológica do Norte Global. Esta realidade é abordada por Paola Ricaurte, Edgar Gomez-Cruz e Ignacio Siles (2022), que denunciam os históricos desequilíbrios de poder existentes entre o Norte e o Sul, e como este problema se agudiza a partir da aceleração das inteligências artificiais criadas e mantidas, sobretudo, pelo Vale do Silício:

---

5 Município localizado a 231 quilômetros da capital paulista. De acordo com o censo do IBGE (2022), possui 254.867 residentes. Caracteriza-se pela presença de grandes universidades, como a própria UFSCar, uma unidade da Universidade de São Paulo (USP), além de outras instituições privadas.

6 Instituição de pesquisa chilena que tem como objetivo promover e incentivar o desenvolvimento da IA no Chile e na América Latina.

7 De acordo com o relatório, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas online e presenciais com uma amostra representativa da população de cada país, abrangendo diversas regiões e variáveis demográficas. No Brasil, foram abordadas 2000 pessoas.

“A implementação de políticas envolvendo sistemas algorítmicos na região frequentemente ocorre em contextos de frameworks regulatórios insuficientes, às vezes durante estados de exceção, e dentro de cenários marcados por corrupção, impunidade, violência, desigualdade e negligência.” (Ricaurte et al., p.2, tradução nossa)<sup>8</sup>. Na mesma perspectiva geopolítica crítica, João Francisco Cassino, Joyce Souza e Sérgio Amadeu da Silveira (2021) levam adiante o debate sobre colonialismo em tempos de hipervalorização do “algoritmo”, citando o colonialismo de dados, que “[...] combinaria as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico com a quantificação abstrata de métodos computacionais. Trata-se de um novo tipo de apropriação no qual as pessoas ou as coisas passam a fazer parte de infraestruturas de conexão informacionais” (2021, p. 23-24). Nessa toada, Kate Crawford (2021) se pergunta: “Não poderia haver uma IA para o povo que fosse reorientada para a justiça e a igualdade, em vez de extração industrial e discriminação?” (2021, p. 223, tradução nossa)<sup>9</sup>, e defende que o debate “ético” deveria ser coadjuvante, enquanto a discussão sobre “poder” precisar ser protagonista. “A IA é invariavelmente projetada para amplificar e reproduzir as formas de poder que foi implantada para otimizar. Contrariar isso requer centralizar os interesses das comunidades mais afetadas” (2021, p. 224, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Esta é uma síntese do panorama da discussão, muito calcada na Economia Política da Comunicação (Bolaño & Vieira, 2014), que busca iluminar os conflitos da relação de dependência entre o Sul e o Norte Global, e mais precisamente a América Latina, no que tange ao acesso e ao desenvolvimento das inteligências artificiais. Por outro lado, é fundamental que observemos, com igual rigor, de que maneira estas tecnologias vêm sendo absorvidas pelos sujeitos no cotidiano, uma vez que é nas práticas que as estruturas do poder se manifestam, se reproduzem, mas que também podem ser contestadas e subvertidas. Em busca pela palavra-chave “inteligência artificial”, em português, e “inteligencia artificial”, em espanhol, realizada nos repositórios *Scielo* e *Latindex* entre 2022 e 2024, foram encontrados, respectivamente, 17 e 89 estudos. Apesar de somarem, ao todo, 106 artigos, não identificamos nenhum estudo interessado na análise dos usos e apropriações da inteligência artificial pelos sujeitos. De forma geral, percebemos que a maioria das pesquisas tangencia aspectos éticos em determinadas áreas, como o Direito e a Medicina; além de explorar as possibilidades de aplicação da IA em sala de aula de diversas disciplinas.

O presente texto, portanto, contribui para lançar um outro olhar sobre este tema a partir das pessoas que usam esta nova tecnologias na sua rotina, em

8 The implementation of policies involving algorithmic systems in the region often takes place in contexts of insufficient regulatory frameworks, sometimes during states of exception, and within settings marked by corruption, impunity, violence, inequality, and negligence.

9 Could there not be an AI for the people that is reoriented toward justice and equality rather than industrial extraction and discrimination?

10 AI is invariably designed to amplify and reproduce the forms of power it has been deployed to optimize. Countering that requires centering the interests of the communities most affected

suas diferentes práticas, desde uma abordagem sociocultural e empírica. Na sequência, apresentaremos o marco teórico, seguido da metodologia do estudo e, finalmente, os resultados e as conclusões.

## 1. Marco teórico

Como dissemos, o olhar lançado para o tema da inteligência artificial por nós se dá a partir das práticas. No campo da Comunicação em nossa região, a influência dos Estudos Culturais de matriz latino-americana foi determinante para que a exploração da dimensão sociocultural da tecnologia ganhasse sua devida legitimidade. Jesús Martín-Barbero (1990; 2001) buscou fortalecer o que considera não apenas um “enfoque”, mas uma posição epistêmica. Investigar as “práticas” é romper com um olhar que privilegiou a análise da comunicação encerrada nas tecnologias em si, ou seja, ir além do “miacentrismo”.

Seu interlocutor, Guillermo Orozco Gomez, designa “práticas sociais” como “[...] ações reflexivas entre interlocutores que coletivamente produzem sentido à sua comunicação e conferem significados à sua ação, à sua agência” (1998, p. 5, tradução nossa)<sup>11</sup>. Observando a nítida onipresença das tecnologias de comunicação na reta final do século XX, o autor sugere que o uso das tecnologias não é mais uma questão de escolha, e sim uma prática imperativa (Orozco Gomez, 1998). Hoje em dia, em tempos nos quais nossos aparelhos eletrônicos, de celulares a *smartwatches*, são praticamente a extensão do nosso próprio corpo, as ideias de Orozco Gomez seguem atuais, impondo, de forma ainda mais radical, um olhar atento para as práticas de usos e apropriações destas tecnologias. Esta reivindicação encontra respaldo no pensamento de Rossana Reguillo (2005) que, assim como Martín-Barbero, Orozco Gomez e outros pensadores, “desromantiza” a ideia do livre poder de agência dos sujeitos. Segundo ela, olhar para as práticas é observar, precisamente, como as estruturas de poder e a atividade criativa dos atores sociais se tocam, de que forma as pessoas se apropriam, negociam e resistem ao sistema.

O pesquisador García Canclini, também expoente dos Estudos Culturais Latino-Americanos, se filia ao debate das práticas pela perspectiva do consumo. Para o autor, consumo é o “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (Canclini, 1995, p. 53). Na década de 1990, o autor inova ao defender que o ato de consumir não é uma prática de alienação, mas sim uma forma de exercer a cidadania. Em uma sociedade latino-americana profundamente desigual e regida pelas leis do mercado, o consumo pode mostrar-se como “[...] um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e atuar significativa e renovadamente, na vida social” (1996, p. 68). As ideias de Canclini não estão descoladas do que seus contemporâneos latino-americanos também

<sup>11</sup> acciones reflexionadas entre interlocutores que colectivamente producen sentidos a su comunicación y confieren significados a su acción, a su agencia.

estavam desenvolvendo, que é a constatação da centralidade que a mídia e as tecnologias ocupam no cotidiano das pessoas e como as pessoas comuns, em suas práticas, podem aderir ou subverter as possibilidades das tecnologias.

Hoje em dia o horizonte midiático e tecnológico mudou radicalmente desde as contribuições novecentistas apresentadas. Observar a aceleração das transformações tecnológicas e, conseqüentemente, as novas formas de uso, seduzem para um retorno ao midiacentrismo que busca vítimas e culpados pelo bem e pelo mal da sociedade olhando exclusivamente para as tecnologias. Tal postura ignora, frequentemente, o legado teórico-político consolidado por tantos autores e autoras. A respeito deste assunto, Ana Júlia Carrijo e Ana Carolina Escosteguy (2023), através de uma pesquisa de estado da arte de pesquisas sobre algoritmos e cultura digital no campo da Comunicação, constata uma forte tendência de busca por explicações para os “novos” fenômenos mediados pelas tecnologias em literaturas forâneas *up to date* com o que há de mais novo no cenário tecnológico. De acordo com as autoras,

[...] ainda que o fascínio tecnológico estimule um discurso de novidade, seja exaltando ou criticando o *poder* das tecnologias, concordamos que a novidade dos objetos de estudo não apaga os potenciais de perspectivas construídas em outra época e mesmo em outro lugar para diferentes tecnologias de comunicação — ainda que sejam necessários ajustes para dar conta das especificidades de objetos contemporâneos. (Carrijo & Escosteguy, 2003, p. 18, grifo das autoras)

Fazemos coro a estas acepções, reconhecendo também a necessidade de revisitar ideias e conceitos que, hoje em dia, podem adquirir outros matizes. García Canclini, neste movimento, propôs, em obra recente, a noção de consumidor-usuário, que reflete a forma como as pessoas interagem não apenas com bens materiais, mas também com serviços digitais e conteúdos online. Sua discussão sobre consumo se atualiza diante deste novo cenário datificado, afirmando que “a vasta sabedoria dos algoritmos, sua capacidade de integrar bilhões de comportamentos individuais, aparece como o novo poder estruturante.” (Canclini, 2019, p. 153). No que tange às práticas diante deste “novo poder”, Canclini defende uma “recidadanização”, ou seja, um retorno à possibilidade cidadã por meio de novas formas de organização e resistências coletivas.

### 3. Metodologia

Este estudo tem natureza descritiva que, de acordo com Augusto Triviños (1987, p. 110), caracteriza-se pelo “desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos [...], pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade”. A “exatidão” da qual comenta o autor é buscada, nesta pesquisa, através do método quantitativo e qualitativo. A partir deste olhar,

pretendemos realizar uma aproximação objetiva, através de um levantamento quantitativo e subjetivo, por meio de uma exploração qualitativa, da realidade investigada.

Para o levantamento dos dados quantitativos, aplicamos questionários com 30 perguntas simples e objetivas<sup>12</sup> (Fachin, 2006). A amostra foi composta por estudantes ingressantes no bacharelado em Imagem e Sol da UFSCar em 2022 e 2023, que ao todo somam 86. Logramos aplicar o instrumento junto a 69 destes estudantes, garantindo uma confiança de 95%. Os questionários foram distribuídos através da visita a aulas de alguns professores, ocasiões em que garantíamos maior número de estudantes reunidos, otimizando o esforço da coleta. Os estudantes preenchem os questionários sem a mediação dos pesquisadores, além de não precisarem se identificar. As respostas foram tabuladas e gráficos foram gerados.

Apesar de considerarmos o levantamento quantitativo bastante representativo das práticas de usos da inteligência artificial por parte dos jovens, acreditamos que seria importante investir, também, em uma incursão qualitativa. Entrevistamos quatro estudantes<sup>13</sup> com perfil expressivo dispostos a relatar com maiores detalhes suas rotinas, o papel das tecnologias e o que a IA representa. A técnica se baseou nas premissas da entrevista semiestruturada (Duarte, 2006), ou seja, tínhamos um roteiro em mãos, mas possuíamos flexibilidade para lançar outras questões ao longo da conversa. As entrevistas forneceram dados subjetivos importantes que contribuíram para lançarmos um olhar mais contextualizado aos dados quantitativos, conforme será visto nos resultados a seguir.

#### 4. Resultados

Dentre os 69 estudantes que responderam ao questionário, 54% eram ingressantes do ano de 2023, e 46% de 2022. São proporções equilibradas, mas ainda assim podemos afirmar que a maioria dos estudantes da amostra ingressou no curso em um momento no qual a IA já estava popularizada. Quanto à caracterização etária do grupo respondente, temos que 60% possui entre 18 e 20 anos, sendo que contabilizamos apenas um estudante com cada uma das respectivas idades: 25, 27, 30 e 33. Este dado mostra que a maioria dos jovens nasceu no século XXI, entre 2004 e 2006, ou seja, já à altura da idade escolar<sup>14</sup>, havendo chances consideráveis de, nesta época, todos eles já possuírem acesso à internet<sup>15</sup>. Quanto à identidade de gênero, 52% afirmaram

12 Antes de distribuímos os questionários, realizamos uma pesquisa-piloto junto a alunos e orientandos dos próprios pesquisadores autores deste artigo, a fim de testar a clareza das questões.

13 Duas mulheres e dois homens com idades entre 20 e 23 anos.

14 Entre 6 e 12 anos.

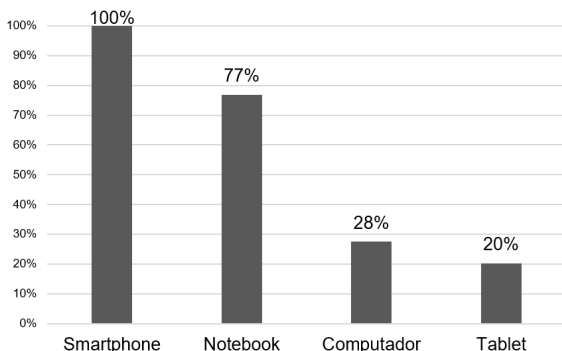
15 Conforme pesquisa TIC Domicílios desenvolvida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (s.d.), em 2016, 79,6% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet via wi-fi.



ser mulher cis, 41% homem cis e 4% pessoa não-binária. Em relação à dimensão racial, 56% se identificaram como branca, 31% como negra, 6% como asiática, 3% como indígena e 4% preferiram não informar.

Apresentado o perfil sociodemográfico da amostra, iniciamos a exploração dos dados referentes ao universo de consumo de tecnologias e inteligência artificial. Quanto à posse de tecnologias digitais de comunicação e informação (TDICs)<sup>16</sup>, o cenário é o seguinte:

**Gráfico 1.** Posse de TDICs



Fonte: os autores

O gráfico acima revela que a totalidade da amostra dos respondentes possui smartphone, enquanto nem todos possuem notebook ou computador. Este dado chama atenção pois, no contexto das rotinas acadêmicas, imagina-se que pelo menos os trabalhos sejam feitos em um aparelho conveniente para digitar, editar imagens, vídeos etc. Nenhum dos nossos quatro entrevistados na etapa qualitativa usa exclusivamente o celular para todas as suas tarefas. Todos eles têm computador/notebook e privilegiam esta ferramenta para realizar seus trabalhos de curso, por exemplo. Contudo, ao comentar sobre seus colegas, um dos entrevistados contextualizou um retrato que ilustra como a desigualdade de acesso tem um impacto direto nas próprias práticas acadêmicas:

Mas também é uma posição muito de privilégio. Porque tem pessoas da minha sala que, por exemplo, só têm o celular pra fazer as coisas. Então, inevitavelmente tudo acaba ficando ali: a vida acadêmica, a vida pessoal. Então, tipo, acaba se misturando. Eu com outras tecnologias eu consigo separar isso. Mas eu reconheço que também não é algo que muitas pessoas conseguem fazer. (Entrevistado 1)

A partir de agora, partimos para as explorações referentes aos usos e apropriações da inteligência artificial generativa. Na ocasião da aplicação do

<sup>16</sup> Utilizamos este termo para nos referirmos ao conjunto de tecnologias que possibilitam, através da conectividade à internet, integrarem-se a outros sistemas e redes.

questionário, uma das questões filtro para participar do estudo era conhecer ou já ter ouvido falar de “inteligência artificial generativa como o *ChatGPT*”. Portanto, todos os 69 respondentes sabem da sua existência e entendem a que ela se presta. Ao serem perguntados sobre como ficaram sabendo desta tecnologia, os entrevistados responderam que:

Eu acho que o primeiro contato assim mesmo com o ChatGPT foi no cursinho mesmo que a minha professora de português ficava falando e daí que todo mundo achava que o tema da redação do Enem teria a ver com o ChatGPT. Então foi sempre um viés muito, muito negativo de tipo: nossa, as pessoas estão parando de pensar, ninguém pensa mais nada, ninguém consegue fazer mais nada. (Entrevistada 1)

Eu acho que quando eu vi eu vi alguma coisa em alguma rede social talvez no meu Twitter ou qualquer coisa desse tipo que ia lançar e que ele fazia isso, isso e isso. E aí eu lembro que as pessoas começaram a usar até na faculdade e tal pra ver como que era e eu lembro que eu entrei pra testar. (Entrevistada 4)

[...] eu lembro de ver em tipo noticiários mesmo, seja na internet ou seja na televisão, essas coisas de falarem sobre isso, principalmente sobre o ChatGPT. (Entrevistado 2)

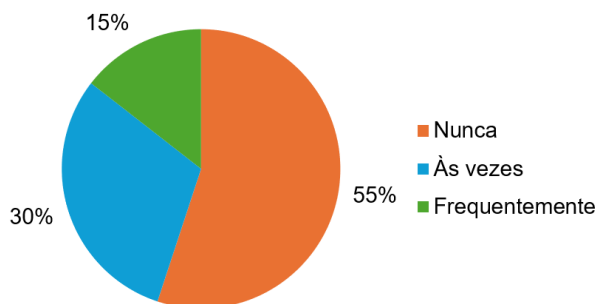
[...] eu acho que mais ou menos naquele mês o ChatGPT ficou público e aí foi uma enxurrada de notícias. E aí tipo, meu pai falando tipo: “nossa você viu esse negócio? Que revolucionário!” (Entrevistado 3).

Dos quatro jovens entrevistados, apenas a Entrevistada 1 relata que sua tomada de conhecimento acerca da existência da inteligência artificial não foi mediada pelos meios de comunicação ou redes sociais digitais, mas sim através de uma professora em um curso pré-vestibular. Acerca das suas primeiras impressões em relação às promessas desta nova tecnologia, os entrevistados demonstraram certa indiferença, o que fica evidenciado nas citações a seguir:

Ah, eu não achei muito diferente do que já acontecia, por exemplo. A gente já tinha a Alexa, as inteligências artificiais que te respondiam coisas ou algo do tipo. [...] Não sei, acho que foi assim, meio que mais uma ferramenta, sabe? Tá surgindo aí. (Entrevistada 4)

Eu vi meio como espetáculo assim, tipo, eu vejo e eu acho muito legal que o negócio avance e tal, mas tipo, pra mim no meu dia a dia não faz muita diferença. (Entrevistado 2)

Esta postura de certa apatia em relação ao “barulho” causado pelo lançamento do *ChatGPT* encontra correspondência nos dados referentes às suas práticas e usos desta tecnologia. Como o gráfico a seguir revela, embora todos conheçam a ferramenta, nem todos a utilizam em suas rotinas:

**Gráfico 2.** Uso da IAg na rotina

Fonte: os autores

A maioria considera que não utiliza IAg na rotina, enquanto 45% utilizam com frequência ou de vez em quando. Este dado, por si só, revela que apesar do lugar que as preocupações em relação a esta tecnologia ocupam no debate acadêmico e midiático, a adesão a ela ainda é relativamente tímida. Tal resultado ajuda a compreender a indiferença relativa às possibilidades da IAg. Para os jovens, esta tecnologia, embora interessante, é algo que não exerce uma função tão relevante em suas vidas, servindo essencialmente como um apoio inicial para algumas tarefas relacionadas a trabalhos acadêmicos. Uma fala que representa bem esta sensação, que é comum a todos os entrevistados, é a seguinte:

Então, eu confesso que eu, pessoalmente, não uso muito inteligência artificial no meu cotidiano. É um negócio que eu não tenho hábito. Essa vez que eu usei, por exemplo, foi um momento muito específico. Era tipo, sei lá, era fim de semestre, eu tinha 15 mil coisas pra fazer, tinha acumulado muita coisa. E tinha um trabalho específico que eu não fazia ideia de como executar, aí eu acabei me apoiando na inteligência artificial pra resolver. (Entrevistado 3)

Por outro lado, a Entrevistada 4 afirma que a IAg teve um impacto considerável, uma vez que facilitou tarefas relacionadas ao seu trabalho na área de audiovisual.

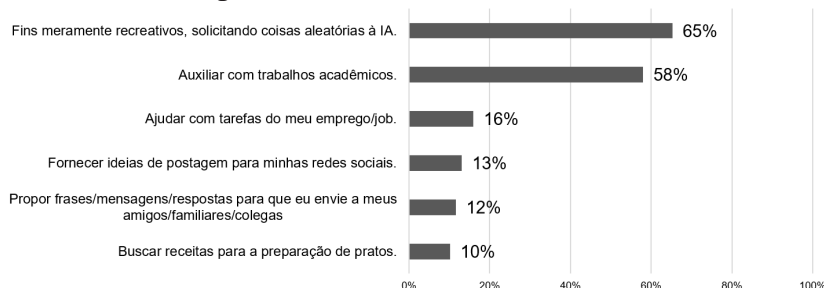
Eu precisava organizar os dados de uma forma que facilitasse a criação de tabelas, adiantando algo que levaria mais tempo. (Entrevistada 4)

Ao ser questionada sobre o tamanho deste impacto na rotina, a interlocutora respondeu:

Mudou sim, mudou a rotina. Porque agora, por exemplo, como nos exemplos que eu tinha te dado antes, sobre pedir para o ChatGPT fazer uma tabela ou até mesmo o aprimoramento de voz no Premiere, tudo isso leva muito tempo. No meu caso, a gente pensa na inteligência artificial para agilizar essas tarefas. (Entrevistada 4)

Os relatos acima também se refletem no levantamento quantitativo, em que perguntamos sobre os usos específicos da inteligência artificial generativa na rotina:

**Gráfico 3.** Usos da IAg

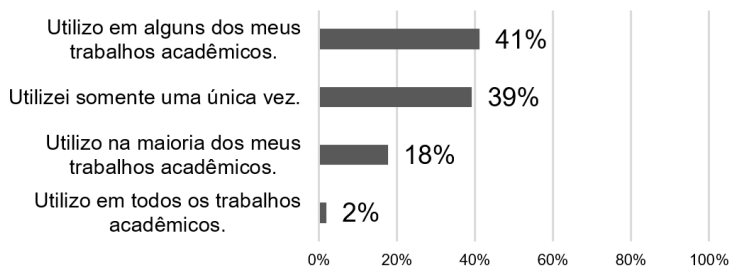


Fonte: os autores

Os dados revelam usos muito pontuais, e chama atenção o fato de o principal fim ser “aleatoriedades”. De fato, IAgs podem tornarem-se ferramentas de entretenimento tanto pelo caráter de novidade, quanto por, muitas vezes, produzir coisas bizarras. A prática de “forçar” a IA para gerar resultados cada vez mais esdrúxulos é algo que, inclusive, é frequentemente registrado e publicado nas mídias sociais. O site *Know Your Meme* (s.d.) incluiu, no seu catálogo de memes o *Make it more AI*, uma *trend* que surgiu em novembro de 2023, caracterizada pela prática de fornecer comandos de modo que esta IAg produza imagens progressivamente mais extremas.

Além desta prática, um percentual expressivo de respondentes afirma utilizar a IAg para auxiliar com trabalhos de curso, conforme já havíamos observado na citação do Entrevistado 3. Aprofundando esta questão, investigamos com que frequência a tecnologia é utilizada no âmbito acadêmico:

**Gráfico 4.** Frequência de uso de IAg no contexto acadêmico



Fonte: os autores

Os números deste gráfico alinham-se ao Gráfico 2, que trata da presença da IA na rotina. O que observamos é um uso, pelo menos por enquanto, não tão intenso. Na percepção dos jovens, apesar do potencial da ferramenta, ela ainda apresenta resultados muito inadequados. Um dos entrevistados comenta sobre sua experiência ao pedir para o *ChatGPT* resumir um artigo:

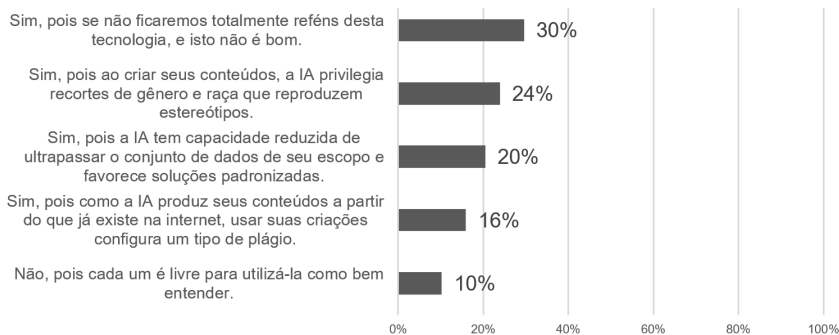
Todas as vezes que eu usei o *ChatGPT* para resumir coisas, eram uns resumos muito ruins, eram umas coisas muito, sei lá, era muito esquisito. Então eu, tipo, acabei abrindo mão. (Entrevistado 3)

[O *ChatGPT*] não é uma fonte muito confiável, eu não confio que ele vai produzir uma coisa que é muito confiável de cara, assim, sabe? Então eu prefiro que passe por filtros meus, assim, porque eu confio mais em mim do que nele no geral. (Entrevistada 1)

Eu acho que fica muito limitado porque a inteligência artificial, ela trabalha muito com essa questão de banco de dados. Então ela pega coisas que já existem e transformam isso numa caralhada de coisa ali dependendo do que você vai perguntar. (Entrevistado 3)

A questão da confiança na IA e a maneira com que ela se apropria e processa dados já existentes na internet foi um tema de importante repercussão. Partindo do contexto universitário dos jovens, perguntamos, nos questionários da etapa quantitativa, se a IA deveria ser limitada para a realização de trabalhos acadêmicos. O resultado foi o seguinte:

**Gráfico 5. Limitação da IA**



Fonte: os autores

Observamos no gráfico acima que 90% dos jovens respondentes são a favor de algum tipo de limitação. A principal motivação para esta conduta seria o receio de tornarmo-nos muito dependentes desta tecnologia. Este entendimento está muito relacionado às suas próprias práticas relacionadas a outras tecnologias, sobretudo o celular e seus aplicativos. Os jovens reconhecem que este aparelho é um “vício” em suas vidas, apesar de altamente necessário. Ao questionar sobre

qual tecnologia é indispensável em sua vida, uma das entrevistadas prontamente respondeu:

O celular né? Tá sempre na nossa mão. Então assim. Aplicativo de banco pagamento instantâneo ali. Essas coisas que facilitam a nossa rotina mas também acabam sendo perigosos né? A gente fica mais suscetível a golpe por exemplo. (Entrevistada 4)

Eu tenho meu celular que acho que é o que mais participa assim da minha rotina e que é uma praga também, porque tem lazer e tem trabalho” (Entrevistado 2)

Por exemplo resolver pepino de sei lá... às vezes eu tô na produção de alguma coisa assim de algum curta, e algum problema específico de assistente surge que acaba que você resolve pelo celular.” (Entrevistado 3)

A dependência do celular é uma experiência que marcou os jovens entrevistados desde a adolescência, ou seja, desde cedo eles conhecem o que é a necessidade de estar sempre junto desta tecnologia. Desse modo, quando refletem sobre a inteligência artificial, acionam este mesmo registro de “sensação de dependência”, reconhecendo que esta tecnologia poderia ocupar o mesmo espaço que o celular ocupa hoje em suas vidas, o que não é visto como algo benéfico.

A segunda resposta que mais prevaleceu diz respeito às preocupações de cunho social, pois reconhecem que a IA tende a reproduzir estereótipos de gênero e raça, por exemplo, o que fica mais evidente nas tecnologias de criação de imagens.

Eu acho que a IA tem limitações claras, especialmente quando se trata de criar arte ou conteúdo original. Muitos algoritmos ainda dependem muito de dados que já existem e não conseguem replicar a criatividade humana de forma autêntica. (Entrevistada 1)

Os entrevistados possuem significativa clareza quanto ao modo de funcionamento das inteligências artificiais generativas, e da lógica da internet como um todo. A questão em torno do uso de dados pré-existentes para criar outros conteúdos, sejam imagéticos ou textuais, revela que a discussão sobre uso de informações de usuários e falta de transparência sobre os destinos destes dados é algo amadurecido. Apesar do uso de dados pelas plataformas digitais ser algo visto, geralmente, de um ponto de vista negativo, a Entrevistada 1 levantou uma questão que aponta para outra discussão, que é a invisibilidade dos dados das pessoas marginalizadas:

Eu acho que no contexto capitalista, tudo cria mais desigualdade. Por exemplo, a inteligência artificial se baseia muito nos dados que estão sendo colocados lá. E que dados estão sendo colocados lá? Não são das pessoas que não têm acesso à internet, então informações sobre essas pessoas e opiniões dessas pessoas não vão estar nesse banco de dados. (Entrevistada 1)

A entrevistada citou a questão da “desigualdade”. Este também foi um tema de debate entre os demais entrevistados da etapa qualitativa. A fala da Entrevistada 4 resume bem o teor das respostas dos demais entrevistados:

Eu penso que para você usar a inteligência artificial primeiro você tem que ter acesso à tecnologias básicas, um celular, internet, computador... Para as pessoas que não têm acesso nem à internet, por exemplo, nem saneamento básico, como é que elas vão acessar a inteligência artificial? Como é que elas vão ter melhorias através da inteligência artificial? Então eu acho que não, acho que ela não tem essa capacidade de diminuir a desigualdade social não, talvez até deixar ela mais evidente. (Entrevistada 4)

O discurso que a IAg em possibilitaria que pessoas comuns tenham acesso a práticas que, até então, demandavam conhecimentos específicos para realizá-las, não é uma ideia que faça sentido aos interlocutores. Conectando-se à realidade brasileira e latino-americana, para eles, esta ainda é uma possibilidade distante. Os entrevistados têm a ciência de que, em nosso contexto regional, antes de pensarmos na “capacidade emancipatória” da IAg, precisamos discutir sobre acesso a outros serviços básicos, além de conscientizar-nos em relação à realidade de acesso a tecnologias das pessoas mais pobres.

Os resultados da pesquisa empírica descritos, baseados tanto no levantamento quantitativo quanto nas opiniões subjetivas emitidas pelos jovens entrevistados, ajudam-nos a observar e tensionar alguns postulados relacionados aos usos e apropriações da inteligência artificial, bem como ao acesso às tecnologias digitais. Observamos, de forma geral, que a noção de usuário-cidadão (Canclini, 2019) é uma prática que ainda não possui horizontes de plena efetivação, uma vez que, como vimos, o acesso às tecnologias ainda é restrito, mesmo em um contexto universitário. Apesar disso, chama atenção que todos os jovens possuem celular, o que remonta à noção do imperativo do uso de tecnologias, prática fundamental no mundo contemporâneo. Esta ubiquidade, entretanto, embora facilite a rotina – como vimos –, também introduz vulnerabilidades.

Em se tratando de usos de inteligência artificial generativa, o pleno acesso é ainda mais distante para alguns grupos. Ainda, a descrição dos usos realizados da inteligência artificial e as opiniões sobre os resultados desta prática demonstram um olhar crítico sobre estas produções, que por vezes gera textos e imagens “inadequadas”, de acordo com os respondentes. De certo modo, os jovens reconhecem que as estruturas hegemônicas que produzem os regimes de representação de gênero, raça etc. (Reguillo, 2005) acabam encontrando, na IAg, outro espaço de circulação, uma vez que se alimentam de banco de dados alhures, que não representam a pluralidade de identidades do próprio Sul Global (Cassino et al., 2021; Ricaurte, 2022).

## Considerações finais

Este estudo abordou a inserção da inteligência artificial generativa no cotidiano de jovens estudantes do curso de Bacharelado em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Através de uma análise quantitativa e qualitativa, investigamos as percepções, usos e apropriações dessa tecnologia por parte dos estudantes, bem como os impactos em suas rotinas.

Os jovens demonstraram um conhecimento considerável sobre a IA, com muitos deles tendo seu primeiro contato através da mídia tradicional ou redes sociais digitais. As primeiras impressões variaram, mas geralmente incluíam um misto de apatia e preocupação, especialmente em relação às implicações éticas dessa tecnologia. Quanto às práticas, a maioria dos estudantes relatou que a IA facilitou certas tarefas acadêmicas, como a criação de tabelas e resumos. No entanto, muitos também apontaram limitações significativas, especialmente em relação à qualidade e confiabilidade dos conteúdos gerados pela IA. Houve uma preocupação comum sobre a potencial dependência excessiva da IA, com muitos estudantes preferindo utilizar a tecnologia como uma ferramenta de apoio em vez de um substituto completo para o trabalho humano. A questão da desigualdade foi um tema recorrente. Os estudantes reconheceram que a IA tende a reproduzir estereótipos de gênero e raça e que o acesso a essa tecnologia é limitado para aqueles que não têm acesso a dispositivos digitais e internet. A IA, em vez de diminuir a desigualdade social, poderia ampliá-la, destacando a necessidade de um acesso mais equitativo às tecnologias básicas antes de considerar os benefícios mais avançados da IA.

Estes resultados nos alertam para a necessidade de que instituições de ensino invistam em capacitação e conscientização sobre o uso ético e responsável da IA, abordando os benefícios e os limites desta tecnologia. É importante que se adote uma postura não apocalíptica em torno das suas possibilidades, mas sim que se capacite para o uso desde uma perspectiva crítica. Com base nas demandas dos entrevistados do nosso estudo, também torna-se relevante criar iniciativas que garantam uma IA mais inclusiva, considerando os contextos de públicos cujas representações são frequentemente estereotipadas, sem deixar de dar visibilidade à pluralidade de intersecções possíveis.

A partir deste estudo exploratório e descritivo, novas pesquisas poderiam ser realizadas com abordagens mais longitudinais, observando os usos e apropriações da IA a longo prazo. Além disso, seriam valiosas análises comparativas envolvendo jovens de diferentes estratos socioeconômicos e de diversas regiões do Brasil e da América Latina. Pesquisas com professores e gestores acadêmicos também são recomendadas para avaliar percepções e atitudes em relação ao uso da IA no contexto educacional.

É importante mencionar também que esta pesquisa não tem a intenção de generalizar os resultados. Trata-se de um recorte de público específico, localizado em uma determinada região do Brasil, que não representa a



complexidade do perfil dos “jovens” do país. Apesar disso, acreditamos que os dados apresentados oferecem um retrato significativo dos usos e apropriações da inteligência artificial por este público neste momento histórico.

## Referências

- Bolaño, C. R. S., & Vieira, E. S. (2014). Economia política da internet e os sites de redes sociais. *Revista Eptic Online*, 16(2), 75-88.
- Canclini, N. G. (1995). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Editora UFRJ.
- Canclini, N. G. (2019). *Ciudadanos reemplazados por algoritmos*: Universidad de Guadalajara.
- Carrijo, A. J. F., & Escosteguy, A. C. D. (2023). Um passo atrás para dois à frente: Interloquções com a pesquisa latino-americana sobre algoritmos e cultura digital. *32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
- Cassino, J. F.; Souza, J.; Silveira, S. A. (2021). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). (n.d.). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*. Recuperado em 21 de junho de 2024, de [https://data.cetic.br/explore/?pesquisa\\_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios](https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios)
- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI: Power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence*: Yale University Press.
- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas. Fachin, O. (2006). *Fundamentos de metodologia*: Saraiva.
- Gillespie, N. et al. (2023). Trust in artificial intelligence: A global study. Recuperado de 17 de junho de 2024, de <https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/au/pdf/2023/trust-in-ai-global-insights-2023.pdf>
- IBGE. (2022). São Carlos. Recuperado em 20 de junho de 2024, de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-carlos.html>
- Know Your Meme. (n.d.). *Make It More AI trend*. Recuperado em 21 de junho de 2024, de <https://knowyourmeme.com/memes/make-it-more-ai-trend>
- Martín-Barbero, J. (1990). De los medios a las prácticas. Em G. Orozco (Coord.), *La comunicación desde las prácticas sociales: Reflexiones en torno a su investigación*. 9-18: Universidad Iberoamericana.
- Martín-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*: Editora UFRJ.
- Mattelart, A.; Mattelart, M. (1997). *Historia de las teorías de la comunicación*: Paidós.
- OpenAI. (n.d.). About. Recuperado em 20 de junho de 2024, de <https://openai.com/about/>
- Orozco Gómez, G. (1998). Las prácticas en el contexto comunicativo. *Chasqui, Revista Latinoamericana de Comunicación*, (62), 4-7.
- Reguillo, R. (2005). Los estudios culturales. El mapa incómodo de un relato inconcluso. *Redes.com: Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, (2), 189-199.

Ricourte, P., Gómez-Cruz, E., & Siles, I. (2024). Algorithmic governmentality in Latin America: Sociotechnical imaginaries, neocolonial soft power, and authoritarianism. *Big Data & Society*, 1–6.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: Atlas*.